

O FLUMINENSE  
Agosto, 1977

Rev. Nac. 97

## LEMBRANÇA DO ACRE

Rubem Braga

É SSE rio Acre, que corta a cidade do Rio Branco, é, no mês de agosto, estreito e raso, correndo entre barrancos. Ao longo das margens a gente vê, sempre, a lavoura de vazante que o caboclo planta, principalmente o feijão-de-corda. Eu já havia visto, no Amazonas, essas lavouras longitudinais — duas fitas paralelas, de um lado e outro do rio, léguas e léguas, debruando a floresta.

Para atravessar o rio, na cidade, há uma escada e armação de madeira; lá embaixo estão os barcos a remo, com um pequeno mas elegante tóldo de lona: na cheia, toda a armação é arrancada e levada pelas águas, que sobem os barrancos e inundam as margens: está ficando cada vez mais largo e mais raso. Tudo o que a cidade importa, a não ser o que vem por avião, deve chegar no tempo das águas, subindo os meandros caprichosos do Purus, e depois êsse seu afluente.

Durante o dia, as margens se animam. Há sempre mulheres lavando roupa, debaixo de um pára-sol feito com folhas de palmeiras. As crianças nadam, e também caboclas e homens estão incessantemente pulando na água meio barrenta. As montarias e canoas cruzam o leito para um lado e outro: às vezes uma chata, às vezes uma balsa de «balas» de borracha. De vez em quando um caboclo pescando no poço, onde dizem que mora uma sucuriju. O Acre perto da cidade é um rio alegre, como uma rua.

Mas nesta viagem que fazemos em lancha, ao anoitecer, a paisagem é de uma profunda melancolia. O crescente, no céu, desenha o perfil das árvores altas sobre os barrancos, ou projeta suas sombras nas águas curvas, entre lampéjos de prata. Olhamos as estrélas. Anoi-teceu. Mas a boreste, para ré há um vago clarão rubro. E' uma queimada distante que espalha seu sangue no céu, como um estranho arrebol. Passamos diante de uma barraca de madeira e um homem me explica: lá atrás, um pouco retirado na mata, é o leprosário. Olho a mata escura e triste. E me imagino naquele lepro-sário no fundo do mato; de um lado essa lua branca, de outro essa mancha vermelha da queimada distante, êsse vago clarão de sangue na noite, como inútil protesto, estúpida esperança.

Vamos avançando lentamente. Depois a lua desce, morre; e o clarão da queimada ficou para trás, sumiu na escuridão.

Agora puxamos o arrastão, os pés fincados na lama, sob a paz das estrélas. E' madrugada. Os doentes, no leprosário, eu penso súbitamente, devem estar dormindo.

leprosario

DN 20.2.68